

Eulália Maria Lahmeyer Lobo:  
O Ofício de Historiadora

Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho  
Laboratório de História da Educação Latino-Americana (LHELA)  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Laboratório Educação e República (LER)

Lia Faria  
Laboratório Educação e República (LER)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Clio, A musa da História<sup>1</sup>

Os cientistas dizem  
que somos feitos de átomos,  
mas um passarinho me diz  
que somos feitos de histórias.

Eduardo Galeano

## Introdução

O presente artigo compõe parte de uma investigação que busca compreender o processo de formação de professores de História e suas instituições públicas universitárias localizadas no estado do Rio de Janeiro, estado que possui uma imagem destacada no cenário nacional, especialmente no campo cultural e educacional, e que ocupou durante séculos a posição de capital do Brasil, desde a colonização chegando, ainda nessa condição, à fase republicana. Por conseguinte, tal estudo visa contribuir para a compreensão dos problemas que afetam esses profissionais do magistério.

---

<sup>1</sup> A obra é assinada por Artemisia Gentileschi, pintora florentina barroca, do século XVI, primeira mulher a compor a Academia de Belas Artes de Florença. Uma homenagem às mulheres e à personagem aqui biografada.

Atendendo, assim, à temática pesquisada, o trabalho vem focalizando, em especial, a professora e historiadora Eulália Maria Lahmeyer Lobo (1924-2011) e a importância de seu papel na constituição do ensino de História para a formação de uma geração de professores-historiadores, sobretudo nos anos de 1970/1980, durante o período da ditadura empresarial-militar.

Com o propósito de elucidar o perfil dos professores de História, licenciados nas instituições universitárias públicas localizadas em território do estado do Rio de Janeiro, buscou-se apoio no conceito de tipo antropológico proposto por Cornelius Castoriadis (1999), que estabelece que cada sociedade, ao instituir-se, funda também os tipos antropológicos que lhe são próprios e específicos para cada momento histórico. O perfil do docente de História que atua no estado do Rio de Janeiro constitui-se num modelo particular, com características próprias que garantem sua singularidade.

Por professores tomamos a análise de Sacristán (1999) que define a função social da profissão do magistério a partir das exigências criadas pela sociedade, que motiva e constrói os sistemas educativos. Para o autor:

A prática docente é realizada por um grupo definido, cujas características são condições para a expressão prática da atividade profissional, a qual não pode ser separada dos que a executam; esta apreciação reporta-se aos indivíduos e aos grupos. (SACRISTÁN, 1999, p. 66).

A professora aqui focalizada constitui-se, ainda, em um exemplo de intelectual orgânica, na perspectiva de Gramsci (2006), posto que busque compreender o pensamento operário, suas formas de organização através de algumas de suas obras, em especial Rio de Janeiro Operário, além de A vanguarda literária dos operários no Brasil, Condições de vida do operariado no Brasil - Breve análise bibliográfica, Formação do operariado e movimento operário no Rio de Janeiro 1870-1894 e O movimento operário do Rio de Janeiro. De tal modo, Eulália pôde contribuir para que o conjunto da classe trabalhadora conheça a sua própria história e possa construir sua luta.

O estudo sobre o professor de História e sua formação precisa compreender a constituição dos cursos de licenciatura em História. Da mesma forma que, para compreender a gênese dos cursos de História, faz-se necessário o conhecimento de quem foram os professores que contribuíram para a constituição de tais cursos, formulando a composição curricular e as disciplinas pedagógicas. A formação de tal docente, sua atuação acadêmica, a rede de interlocutores com os quais mantinha contatos pessoais e acadêmicos. Conforme Nóvoa (1999, p. 26), desde os primeiros momentos de sua profissionalização, a formação de docentes “tem oscilado entre modelos acadêmicos, centrados nas instituições e em conhecimentos “fundamentais”, e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”.

Para contextualizar, segue um breve histórico acerca dos cursos de ensino superior no Brasil. Os primeiros cursos de formação de professores, no Brasil, em nível superior – as licenciaturas – surgiram a partir de 1931, conforme previa o Estatuto das Universidades Brasileiras, decreto 19.851 de 11 de abril de 1931, constituindo-

se sob a forma de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A partir desse momento, a formação docente realizava-se ao cumprir mais um ano de formação com as disciplinas pedagógicas, logo após a conclusão do bacharelado. Assim nascia o conhecido esquema "3+1" dos cursos de licenciatura no Brasil.

O primeiro curso superior de História foi criado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), nos primeiros anos da década de 1930. No Rio de Janeiro, o primeiro curso de História surgiu na Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1934, idealizada por Anísio Teixeira, e integrante da Escola de Direito e Economia, uma das seis unidades que compunham a estrutura universitária.

A conjuntura política da época, com a instalação da ditadura de Vargas em 1937, determinou o fechamento da UDF, e a transferência de suas unidades para a Universidade do Brasil, instituída no mesmo ano. O curso de História, assim, passara a compor a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), inaugurada em 1939 (FERREIRA, 2013, pp. 33-36).

A FNFi em seus primeiros anos, até o fim da década de 1940, não estimulava a pesquisa como atividade entre seus docentes, a formação para o magistério de nível médio era a principal finalidade do curso. A faculdade compunha-se em seus primórdios por docentes estrangeiros, franceses, e mais adiante por bacharéis em Direito, com uma única presença feminina – a professora Marina São Paulo Vasconcelos – professora assistente da área de Antropologia, conforme Eulália Lahmeyer Lobo, em um texto seu sobre Barbara Levy, sua colega de departamento, em que expressa uma luta, ainda inconclusa, pelo reconhecimento da profissão:

As primeiras turmas de História da FNFi foram pequenas, de cinco a dez alunos de ambos sexos, provenientes da classe média. A profissão não era reconhecida, conservando por algum tempo um caráter diletante. As primeiras turmas tiveram inclusive de prestar alguns exames em francês, língua geralmente restrita à elite. (LOBO, 1999, p.63)

Em 1961, mesmo com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4024, a estrutura de formação de professores de ensino médio no Brasil não sofreu alterações. A lei estabelecia, ainda, que as faculdades deveriam oferecer no mínimo quatro cursos de graduação nas faculdades de filosofia e mantinha sob a responsabilidade do Ministério da Educação e Cultura (MEC) o registro da profissão docente para o grau médio, na época o ginásio e o secundário.

A Reforma Universitária estabelecida pela Lei 5540/68, em atendimento à política do momento autoritário, impôs a fragmentação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Entretanto, o velho modelo para a formação de professores conservava-se quase inalterado: uma profunda ênfase na formação de conteúdos específicos e uma restrita abordagem concedida às disciplinas pedagógicas (CUNHA, 2007).

A partir da promulgação da vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, toda uma gama de dispositivos legais foi instituída a fim de ordenar o funcionamento da educação brasileira. Quanto à formação de professores voltados para atuação na educação básica sobressaem-se para a análise da pesquisa

alguns pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE), como a Resolução CNE/CP 1/2002 Parecer CNE/CP 9/2001 (BRASIL, 2001).

#### A formação intelectual de nossa personagem

Eulália Maria Lahmeyer Lobo, a personalidade da pesquisa ora em curso, nasceu em 1924, à Rua Visconde de Ouro Preto, em uma bela casa no estilo inglês do século XIX, onde hoje funciona um tradicional curso de língua inglesa na cidade do Rio de Janeiro. Filha de mãe nascida na cidade de Vassouras, interior do estado do Rio de Janeiro, com diferentes origens imigrantes, e de pai português, da região do Porto, em Portugal.



Fonte: Carmen da Matta, In: Honorato, 2003.

Nossa personagem vem de uma família abastada, de pai comerciante que, segundo suas memórias registradas em entrevistas, proporcionou uma educação diferenciada e de qualidade. O antigo primário e os primeiros anos do antigo ginásio cursou em sua própria residência, junto com seu irmão e seus primos. O ensino era oferecido por uma preceptora – a Professora Nair Lopes – descrita como uma pessoa “inteligente, com muita imaginação” (HONORATO, 2003, p. 190). Sua memória indica que seus estudos foram resultado de um trabalho pedagógico diferenciado e bastante inovador para a época. As aulas eram marcadas por visitas a fábricas e parques, à montagem de peças teatrais e a viagens no tempo e no espaço (GOMES e VAINFAS, 1992, p.85), que estimulavam a busca de conhecimentos. Eulália, ao ser entrevistada pela Revista Rio de Janeiro, afirma sobre a educação recebida que:

O ensino era feito da seguinte maneira: os alunos imaginavam que iam fazer uma viagem; então, teríamos de escrever cartas dos vários lugares onde supostamente estaríamos, contar as aventuras que quiséssemos, contanto que déssemos informações sobre a extensão do estado, a população, a vegetação,

integrando tudo, geografia, história, economia. Tenho ainda esses cadernos porque minha mãe guardou. Havia um do Brasil, com essa visão conjunta. Fazíamos também viagens no tempo, imaginávamo-nos na Síria, na Pérsia etc., vestíamos-nos com roupas que buscávamos para imitar em modelos, em cartões-postais. Podíamos fantasiar as coisas como se fosse uma peça de teatro, contanto que incluíssemos os dados, que estudássemos, pesquisássemos. Era interessante, bem diferente, muito divertido, a gente adorava. (HONORATO, 2003, p. 190)

A formalização do processo educativo se cumpria através de provas que eram realizadas na instituição escolar em que se encontrava matriculada de forma a oficializar sua escolaridade. Eulália conta-nos, ainda na mesma entrevista, sobre a experiência de apenas comparecer à escola para prestar exames de forma a receber a certificação escolar:

(...) no secundário isto era obrigatório, o estudo em colégio reconhecido. Foi complicadíssimo o que meu pai arranhou, uma autorização para que não frequentasse o colégio: ele pagava o colégio e eu só ia fazer as provas. (ibidem)

Após essa primeira etapa de formação, acontecida em espaço doméstico, cursou o ensino médio no Colégio Jacobina, uma escola tradicional carioca, fundada em 1902 por duas irmãs, e que funcionou até meados dos anos de 1980, em Botafogo; no prédio hoje encontra-se instalado o Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, como se pode observar pela imagem apresentada abaixo.

Durante o curso secundário conheceu Américo Jacobina Lacombe (1909-1993), professor e historiador que se tornou figura importante para fortalecer os laços que a ligaram definitivamente com a História. Lacombe manteve-se em sua vida profundamente vinculada a órgãos educacionais e de pesquisa histórica, apesar de ser diplomado em Direito.

Participou do grupo de criação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi do Conselho Nacional de Educação, e Diretor e também Presidente da Casa de Rui Barbosa, quando esta se transformou em Fundação, além de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras. (COUTINHO, 2014, p. 261).

Para Eulália, o professor a influenciou, apesar de não compartilhar dos mesmos campos de interesse na História. Assim, ela o descrevia, como:

Um homem de grande conhecimento, muita cultura, de atitudes elegantes, pessoa discreta, com uma cultura ampla, um historiador que se preocupava com as relações internacionais, com a colocação do Brasil no mundo e que desempenhou papéis relevantes no exterior. (...) Contudo, ele não se interessava pelas matérias pelas quais eu mais me interessei. Ele se voltava para a questão diplomática, o direito internacional, era uma pessoa conservadora (...). (HONORATO, 2003, p. 190)

E, dessa maneira ela demonstrou que desde muito nova, quando ainda das aulas em casa com sua preceptora, a História despertava sua atenção...

Fazíamos também viagens no tempo, imaginávamo-nos na Síria, na Pérsia etc., vestíamos-nos com roupas que buscávamos para imitar em modelos, em cartões-postais. Podíamos fantasiar as coisas como se fosse uma peça de teatro, contanto que incluíssemos os dados, que estudássemos, pesquisássemos. Era interessante, bem diferente, muito divertido, a gente adorava. (ibidem)

Ingressou no curso de Geografia e História da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da Universidade do Brasil em 1941, com a intenção de compreender o Brasil, sua concepção cultural e de conhecer a América Latina, através de pesquisa, que afirmava ser o seu primeiro propósito. Sua formação superior, portanto, ocorreu durante a vigência do esquema 3+1, previamente informado, determinando o objetivo por ela exposto se tornar-se, antes de tudo, uma historiadora. Eulália Lahmeyer ao ser indagada sobre se havia iniciado a prática docente logo após sua graduação, respondeu:

Um pouco depois.

Eu não queria, mas achei que era o único caminho. Eremildo (Viana) me convidou para ser sua auxiliar de ensino, e eu recusei. Aí me propus ao Silvío Júlio, e ele aceitou. (GOMES e VAINFAS, 1992, p.87)

Tornou-se professora também, apesar de nunca antes ter pensado nessa possibilidade... (idem). Ao longo do curso, Eulália foi aluna de muitos professores franceses convidados, alguns, inclusive, prolongaram a permanência no Brasil em função da guerra mundial, e dos brasileiros, cabendo destaque para Delgado de Carvalho para quem destina elogios ao comentar que ele "(...) era uma pessoa extraordinária. Ensinava história moderna e contemporânea e era excelente professor, muito atualizado." (idem)

Seus primeiros passos no magistério advieram como auxiliar de ensino do Professor Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, da disciplina de História da América. Descrito por Eulália como uma pessoa passional e panfletária, irascível, de temperamento muito difícil, docente sem metodologia (como a maioria dos outros professores brasileiros de quem fora aluna), porém detentor de uma biblioteca fantástica, segundo suas palavras, que durante uma crise de raiva contra o Brasil, foi doada ao Peru (ibidem, p.87).

a trajetória da professora-pesquisadora...

O entendimento do conceito de intelectual também se faz necessário para compreender o papel da professora-pesquisadora Eulália Lahmeyer Lobo. Cada grupo social constrói em seu interior ao menos uma camada de intelectuais que lhe garantirá consciência de seu papel social, econômico e político conforme nos aponta Gramsci (2006).

Por sua vez, sobre os intelectuais Jean-François Sirinelli afirma que

Antes de mais nada, os intelectuais constituem um grupo social de contornos vagos que durante muito tempo foi pouco significativo em termos de tamanho. Esse "pequeno mundo estreito" aparentemente desencorajava qualquer abordagem quantitativa (...). (Sirinelli 2003, p. 234)

A geração na qual a docente em foco se insere permite que conheçamos um pouco mais sobre sua atuação e a importância de suas atividades para a constituição do campo da História. É incontestável que Eulália ocupa um lugar de destaque entre os intelectuais brasileiros. Jayme Cortesão e Sílvio Júlio de Albuquerque Lima foram dos primeiros intelectuais-orientadores que a incluíram no mundo dos historiadores. Como evidencia Sirinelli (idem) a “geração existe, portanto, no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise”, esse segundo caso aplica-se ao trabalho ora em questão.

No caso do magistério de ensino superior brasileiro torna-se difícil apontar se existe apenas uma camada, ou se todo o grupo se institui de intelectuais, pois é no mundo universitário em que se encontra abrigada a maior parte dos pesquisadores nacionais, sobretudo nas instituições públicas federais, o que se constituía o caso da professora. A ideia de geração é uma construção do historiador, que se concretiza quando associada a um determinado evento histórico (SIRINELLI, 2006). As temporalidades das gerações podem ser mais curtas ou mais longas, e não correspondem a um mesmo intervalo de tempo, assim como o tempo social, econômico, político ou cultural que também possuem ritmos variáveis.

Logo após a graduação, ingressou no doutorado, sob a orientação de Sílvio Júlio, que além fornecer muitas informações sobre as fontes de pesquisa, possuía muitas delas. Sua tese intitula-se Administração Colonial luso-espanhola nas Américas, e foi resultado de pesquisas no Arquivo Geral das Índias de Sevilha, do Arquivo Geral de Madri, quando contou com uma ajuda do Itamaraty e do Instituto de Cultura Hispânica. Ressalta ainda que Jaime Cortesão foi um importante incentivador e facilitador de sua pesquisa, ao oferecer espaço no escritório de sua residência na Tijuca, e liberando acesso às fontes que possuía.

Após o doutoramento, não diminuiu o ritmo de suas pesquisas. A obra intitulada Caminho de Chiquitos às Missões Guaranis foi a tese de Livre Docência na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Enfoca a estrada que representava a possibilidade de romper o bloqueio a fim de abastecer o Paraguai, atravessando os territórios do Peru e da Bolívia. Para a Cátedra, investigou o comércio hispânico nas regiões coloniais da América Espanhola, apresentada na obra Aspectos da atuação dos consulados de Sevilha, Cádiz e da América Hispânica na evolução econômica do século XVIII. Para tal, recebeu uma bolsa da CAPES, na verdade a primeira bolsa concedida no campo da História.

Ao longo de sua vida acadêmica tão intensa e frutífera, o trabalho investigativo não arrefeceu. As pesquisas caminharam em outros sentidos, ampliando os objetos de pesquisa, envolvendo o movimento operário, a cidade do Rio de Janeiro, a imigração portuguesa, apenas para destacar alguns.

Os livros da autora publicados são:

- ) Administração colonial luso-espanhola nas Américas, 1952
- ) Análise do panorama político de 1956 Colômbia Equador Venezuela, 1957
- ) Caminho de chiquitos às missões guaranis de 1690 a 1718, 1960
- ) Aspectos da influência dos homens de negócio na política comercial ibero-americana: século XVII, 1963

- J América Latina contemporânea; modernização, desenvolvimento, dependência, 1970
- J Rio de Janeiro Operário, Access, 1992
- J História político-administrativa da agricultura brasileira: 1808-1889, 1977
- J História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro, 1978
- J Imigração portuguesa no Brasil / 2001
- J Cartas de Antônio Dias Leite 1870-1952, 2005
- J Estudos Sobre a Rio Light, 1990 (coord. c/ Maria B. Levy)

Seu livro intitulado O Processo Administrativo Ibero-Americano: aspectos socioeconômicos, Período Colonial, editado pela Biblioteca do Exército, em 1962 foi objeto de comentário por parte de Pierre Chaunu<sup>2</sup>, no Boletim Hispânico dos Anais da Faculdade de Letras de Bordeaux, na França. O apontamento registra o trabalho de Eulália como uma obra interessante, em que a autora expressa de maneira bem satisfatória, de início, a identidade profunda das experiências administrativas de Espanha e Portugal, nas Antilhas e no Brasil. Contudo, levanta algumas críticas acerca do texto, questionando alguns dados factuais por ela apresentados, além de contestar algumas de suas análises ao longo do texto. Entretanto, sua contribuição para a pesquisa histórica não deixou dúvidas, como confirma Ronaldo Vainfas:

Foi uma pioneira na historiografia brasileira, principalmente na História da América, nos anos 1950, publicando textos importantíssimos, como 'Administração colonial luso espanhola' que faz uma comparação entre a administração centralizada espanhola e a descentralizada, portuguesa. (VAINFAS, 1992)

Sua trajetória docente foi pontuada, ainda, por cargos de gestão, dentre eles, a coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ, durante o período de credenciamento do curso, que ocorreu em 1982, como se pode confirmar a partir do relato da própria Eulália (1999, p.65):

O curso de Mestrado em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, antiga Universidade do Brasil, subordinado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação somente em 1982. Compreendia duas áreas de concentração: uma em história do Brasil e outra em Roma e Idade Média Europeia. Contava, na ocasião, com um corpo docente de quinze professores, dos quais oito eram historiadoras.

---

<sup>2</sup> Historiador francês (1923-2009), Professor Emérito de Paris IV- Sorbonne foi o criador da História Serial, uma história quantitativa, que segundo Antônio Leite da Costa, na Enciclopédia Verbo "É uma história quantitativa globalizante que integra o facto histórico em séries homogêneas, de modo a estudar melhor a evolução de um determinado lapso de tempo, através de uma análise matemática".

Sua importância e trabalho relevante no campo da História como acadêmica demonstram-se por algumas honrarias e premiações recebidos ao longo de sua vida profissional. Foi agraciada com alguns títulos como Professora Emérita da UFRJ, em 1985, e da UFF em 1998, além de ter se tornado Sócio Emérita da Associação Nacional de Professores de História (ANPUH), em 2000.

O reconhecimento da excelência de seu trabalho acadêmico era internacional. Foi professora visitante da Universidade do Texas, em 1960, da Universidade da Carolina do Sul, entre os anos de 1967 e 1973, e da Universidade da Califórnia em 1974. Na Europa, foi docente na Universidade de Bordeaux, na França no ano de 1986, e da Universidade Portucalense Infante D. Henrique em 1994, em Portugal.

Para finalizar

Um texto sobre a professora-historiadora Eulália Maria Lahmeyer Lobo nunca se conclui... Há sempre o que desvendar sobre essa grande professora-historiadora, que traz a marca da desbravadora, daquela que se lançou em um mundo ainda muito pouco ocupado por mulheres, e que soube tatuar sua presença. Cabe, sim, destacar o legado que deixou para aqueles que militam na História. Uma vida dedicada à pesquisa e ao ensino. Um exemplo de acadêmica – pesquisadora e professora – enfim, uma historiadora.

Referências Bibliográficas:

CASTORIADIS, Cornelius. Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V. Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CHAUNU, Pierre. Bulletin Hispanique. Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux. tome 66, n° 1-2, 1964.

In: [http://www.persee.fr/doc/hispa\\_0007-640\\_1964\\_num\\_66\\_1\\_3810\\_t1\\_0185\\_0000\\_3](http://www.persee.fr/doc/hispa_0007-640_1964_num_66_1_3810_t1_0185_0000_3). Acesso em 20/nov/2017.

COUTINHO, Maria Angélica da Gama Cabral. A obra de Pizarro: fonte para a História da Educação. In: Anais: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. 2014, p.258-268.

CUNHA, Luiz Antônio. A universidade reformada: o Golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. 2ªed. São Paulo: UNESP, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

GOMES, Angela de Castro e VAINFAS, Ronaldo. Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 9, 1992, p 84-96.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Vol. II. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HONORATO, Cezar. Entrevista Eulália Lahmeyer Lobo. Revista Rio de Janeiro, n. 10, mai-ago, 2003, p. 185 - 198.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Maria Barbara Levy, seu papel na historiografia econômica no Brasil. Revista História Econômica & História de Empresas II. n. 2 1999, p. 63-82.

NÓVOA, António. O processo histórico de profissionalização do professorado. In: NÓVOA, António (Org.). Profissão Professor. 2ªed. Porto: Porto Ed., 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores In: NÓVOA, António (Org.). Profissão Professor. 2ªed. Porto: Porto Ed., 1999.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Rémond, René (Org.). Por uma História Política. 2ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. 8ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. Biblioteca Digital FGV, 1992.